



A POÉTICA LITERÁRIA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA COMO VIA DECOLONIAL FILOSÓFICA

  10.56238/costurandosaberes-005

Maria Eduarda Fonsêca Casara Cavalcante

Discente do Bacharelado em Engenharia Química, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Ricardo Valim

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professor de filosofia Tecnologias do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia

RESUMO

Muitas das vezes, a sabedoria ancestral dos povos indígenas brasileiros é esquecida, juntamente com seus costumes e crenças. Hoje com o acesso à informação se faz necessário considerar que essa forma de transmitir suas artes e seus saberes acontece principalmente com a utilização da Literatura. Objetiva-se neste estudo refletir sobre a importância da poética presente na literatura indígena brasileira contemporânea como forma de quebrar a barreira imposta pelo eurocentrismo. Logo, é uma forma decolonial de mudar o pensamento brasileiro que é baseado no colonialismo, dando a ela uma importância para a contemporaneidade. Por esse motivo, este presente artigo trará como a poética literária indígena brasileira contemporânea pode ser usada como via decolonial filosófica para pensar a realidade a partir de seus próprios problemas.

Palavras-chave: Poética, Literatura Indígena, Filosofia, Decolonial.

1 INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoriais, histórias ancestrais são contadas ao redor de fogueiras para celebrar a origem da humanidade. Nestas histórias estão presentes elementos vários que pela sua força simbólica tendem a ilustrar para as novas gerações as raízes de sua cultura.

Na atual conjuntura social vemos o alvorecer de uma literatura indígena que possui em sua estrutura uma poética que cativa pela sua simplicidade e ao mesmo tempo profundidade de significados.

A literatura indígena contemporânea potencializa o discurso contra uma mentalidade colonizada que desconsidera saberes outros que não fazem parte da realidade eurocêntrica. Realidade essa que somente considera como sendo verdadeiros aqueles capazes de passar pelo crivo epistêmico e normativo provinciano europeu.

Ainda de certa forma não foi superada aquela mentalidade que permeou o descobrimento do Brasil em 1500. E quando pensamos neste período e mais especificamente em relação a literatura daquela época, onde é retratado as primeiras impressões que os portugueses tiveram acerca dos povos

indígenas, por meio de seus textos escritos que eram enviados para a corte portuguesa, sendo esta, uma ótica do colonizador. “Apesar de ter uma história própria, o nativo das Américas nasce para a História Ocidental somente quando é construído nos textos coloniais. A partir de então, recebe seu registro civil, mas não tem reconhecidas sua cidadania nem civilidade” (THIÉL, 2012, p. 17).

Nota-se a existência de um olhar fascinado, curioso, interessado, mas também, preconceituoso, moralizante e condenatório. Tendo em vista, a forma que eles, os europeus, olhavam os índios com “pena’ por não acreditarem no Deus cristão e na forma em que eles se vestiam, concluindo que tinha a necessidade de “ajudá-los” a salvarem as suas almas e a “civilizá-los”.

Essa forma de julgamento acaba dificultando o reconhecimento desses povos e causando essa “má impressão” de que eles eram incultos e precisavam da ajuda do homem branco, visto que eles possuíam sim uma forma de cultura só que não era a mesma que a dos europeus. Não passava pelo crivo normativo, epistêmico da cultura ocidental eurocêntrica que é auto referencialista por sua natureza.

Nota-se neste ponto que não foram somente os territórios, os espaços geográficos que os europeus com suas culturas e tradições colonizaram. Mas houve também uma colonização dos espaços religiosos dos povos indígenas, de suas realidades espirituais, místicas, de suas filosofias de vida.

Os novos guerreiros indígenas da segunda metade do século XX e do século XXI fazem uso com armas de guerra, a caneta e o papel para através de sua voz-práxis manifestar seu posicionamento diante das mais variadas questões que se lhes impõem. Em busca de um giro decolonial e de mudança paradigmática é que a literatura indígena brasileira contemporânea imbuída de uma poética própria com características elementares muito peculiares vem como forma de posicionamento autêntico. Tradições que antes aqui nas terras baixas das américas transmitiam seus saberes por via da oralidade despertaram a algum tempo para a apropriação da palavra escrita, ocidental para manifestar-se e pontuar os elementos que consideram essenciais para uma mudança social.

Neste estudo objetiva-se refletir sobre a importância da poética presente na literatura indígena brasileira contemporânea como forma de revelar a sabedoria presente na vida e na tradição dos povos indígenas. Logo, é uma forma decolonial que caminha para uma mudança de horizonte de pensamento tão necessária neste mundo contemporâneo. Nesta perspectiva será abordada a importância da poética literária indígena brasileira contemporânea e como ela pode e deve ser usada como via decolonial filosófica para pensar a realidade a partir de seus próprios problemas.

2 A PRODUÇÃO EPISTÊMICA LITERÁRIA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Na contemporaneidade, os indígenas tentam recuperar o seu lugar no mundo por meio de livros, entrevistas e até mesmo por via de enfrentamentos com movimentos indígenas, a fim de garantir os seus direitos e principalmente, na demarcação de territórios. Na verdade, hoje, por meio da literatura indígena estes povos originários têm procurado demarcar outros territórios que são justamente os espaços virtuais para conscientizar a sociedade dos dilemas enfrentados por suas comunidades.

No âmbito literário é possível percebê-los em livros de caráter que remete a aspectos que podemos considerar filosóficos e reflexivos, justamente por que conduzem os leitores por meio de um caminho de sabedoria com o auxílio dos conteúdos ancestrais próprios de cada povo.

Podem ser destacados aqui dois dos principais autores, o Davi Kopenawa e o Ailton Krenak. Seus escritos revelam além da poética própria e seus elementos constitutivos de sabedoria antiga e sempre nova um forte senso ético e de responsabilidade seja pela natureza em si mesma, seja pela humanidade que nela se entrelaça. Davi Kopenawa (2015), por exemplo fazendo memória de sua existência nesta imanência reflete sobre os aspectos constitutivos de seu ser revelando também uma humildade frente a sabedoria que existe nos elementos naturais e espirituais segundo suas crenças:

Eu não detenho toda a sabedoria dos nossos antigos. No entanto, desde criança, sempre quis entender as coisas. Depois, uma vez adulto, foram as palavras dos espíritos que me fizeram mais inteligente e sustentaram meu pensamento. Agora sei que nossos ancestrais moraram nesta floresta desde o primeiro tempo e que a deixaram para nós para vivermos nela também. Eles nunca a maltrataram. Suas árvores são belas e sua terra é fértil. O vento e a chuva conservam seu frescor. Nós comemos seus animais, seus peixes, os frutos de suas árvores e seu mel. Bebemos a água de seus rios. Sua umidade faz crescer as bananeiras, a mandioca, a cana-de-açúcar e tudo o que plantamos em nossas roças. Viajamos por ela para comparecer às festas reahu a que somos convidados. Nela fazemos nossas expedições de caça e coleta. Os espíritos nela vivem e circulam por toda parte à nossa volta. Omama criou esta terra e aqui nos deu a existência. Pôs no seu chão as montanhas, para mantê-la no lugar, e fez delas as casas dos xapiri, que deixou para que cuidassem de nós. É nossa terra e essas são palavras verdadeiras. Ver os brancos rasgarem a floresta com suas máquinas e a sujarem com suas fumaças de epidemia me deixou furioso. Antigamente, eles moravam muito longe de nós, pensando que para além deles só havia um grande vazio. Não é verdade. No primeiro tempo, Omama só os manteve afastados de nossa floresta para que não pudessem se aproximar dela. Avisou os ancestrais deles: “Esta é a minha terra. Vocês, gente de Teosi, que não têm nenhuma sabedoria, irão viver noutro lugar, bem longe dela, para não devastá-la. Só meus filhos permanecerão aqui, pois têm amizade por ela!”. É por isso que os brancos tiveram tanta dificuldade para chegar até nós, mesmo com seus barcos a motor e depois seus aviões. (KOPENAWA, 2015, p. 331).

Essas imagens poéticas e belíssimas que perpassam seus escritos apresentam a dinamicidade de uma realidade espiritual que é desconhecida pelo ocidente. Seu desconhecimento é fruto do ocultamento e muitas vezes até desconsideração de saberes outros que não os legitimados pela razão ocidental. “Para o colonizador, o nativo não é visto como representante de uma civilização - assim

como o habitante das nações europeias - mas como primitivo, colocado numa posição de subalternidade, sob o domínio ou a autoridade do europeu” (THIÉL, 2012, p. 17).

Outro fator que merece destaque é que quando se fala de sabedoria indígena de imediato as pessoas costumam se referir como se fosse algo exclusivamente do passado. Na verdade sim, existem elementos que se constituem ao longo dos tempos e que perpassam as gerações por via de sua reserva de sentido.

A sabedoria indígena é atual, contemporânea e por isso ela é um importante caminho decolonial e filosófico. Sua voz-práxis é indispensável para refletir sobre questões atuais e por essa atualidade requererem respostas. Um exemplo dessa forma de pensamento é um fragmento do livro de Ailton Krenak, cujo nome se denomina “O Amanhã Não Está À Venda”, publicado no período da pandemia da Covid-19:

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. (KRENAK, 2020, p. 6-7)

Esse pequeno trecho, já é possível perceber uma linguagem de fácil entendimento com bastante significado, na parte que diz “O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos”, nos transmite a ideia que existe várias vidas no planeta não somente a da humanidade, portanto não é só a vida do ser humano que importa, mas sim todas. Porém, naquele momento histórico pandêmico era a existência humana que estava em jogo. Ailton Krenak passa a ideia de que embora a humanidade venha a sofrer baixas e com riscos mesmo até de extinção, os demais seres da natureza continuariam suas existências. É esporádico às vezes ouvir nos meios de comunicação a extinção de alguma espécie animal, mas como seria se a humanidade fosse extinta, certamente não haveria ninguém para contar a história.

Esse senso crítico desperta no leitor um senso profundamente ético ligado à vida em toda a sua extensão. Se a humanidade de fato quer mudar a realidade, as pessoas precisam compreender essa perspectiva apresentada por Ailton Krenak, onde toda a vida é importante e sobretudo, a humanidade que na Covid-19 sentiu seu fim se aproximar.

Deste modo entende que a produção epistêmica literária indígena contemporânea não está engessada apenas no passado e se remetendo a um saudosismo, pelo contrário, está intimamente ligada à atual conjuntura social e buscando oferecer respostas para os dilemas atuais.

3 A SABEDORIA ANCESTRAL: SENSO ÉTICO, RESPONSÁVEL E FILOSÓFICO

Ao se falar de filosofia de imediato vem na mente das pessoas as aulas em escolas, universidades, faculdades ou demais centros de ensino que exploram essa temática. De súbito nos vem à mente a pretensão de afirmar que disciplinas como a ética (REALE, 2003,p. 217), a metafísica (REALE, 2003,p. 137), a lógica (REALE, 2003,p. 225), e até mesmo a própria filosofia (REALE, 2003,p. 3) tem suas raízes muito bem fundadas na Grécia antiga. E é verdade, não se trata de uma falácia, porém, na atualidade compreende-se que existem saberes outros que carecem de evidência justamente pela sua riqueza em ser diferentes. A diferença produz melhoria e aperfeiçoamento para a humanidade. Exemplo disso é o pensamento de Davi Kopenawa (2015) que tensiona para uma esperança viva de dias melhores sobre a égide da escuta atenta dos espíritos dos antigos xamãs da floresta:

Os espíritos de nossos xamãs antigos, que têm amizade pela floresta, não nos permitem deixar seus inimigos se instalarem nela — garimpeiros, fazendeiros e madeireiros. Essa gente só sabe desmatá-la e sujá-la. Querem nos eliminar, para construir cidades no lugar de nossas casas abandonadas. Isso, porém, não nos entristece, pois os xapiri estão sempre ao nosso lado para nos dar coragem: “Muitos de vocês morreram, mas se defendem sua floresta, voltarão a ser muitos! Suas mulheres ainda vão lhes dar muitos filhos! Seus maiores se foram, mas as palavras de Omama ainda estão em vocês, sempre igualmente novas. Vocês têm sabedoria e, enquanto estiverem vivos, jamais cederão sua terra!”. Desde o tempo da estrada, penso muitas vezes em todas essas coisas a respeito de nossa floresta. Tudo isso faz crescer cada vez mais em mim palavras para recusar a abertura de nossa terra para os brancos. Quero que meus filhos, seus filhos e os filhos de seus filhos possam nela viver em paz, como nossos antigos antes de nós. Esse é todo o meu pensamento e meu trabalho. Sou xamã e vejo todas essas coisas bebendo yãkoana e no meu sonho. Meus espíritos xapiri nunca ficam quietos. Viajam sem descanso para terras distantes, para além do céu e do mundo debaixo da terra. Voltam de lá para me dar suas palavras e me avisar sobre o que viram. É através de suas palavras que sou capaz de compreender todas as coisas da floresta. (KOPENAWA, 2015, p. 332).

Logo, é transmitido ao leitor, as crenças e os desejos de um povo, como o mundo pode melhorar graças a esses espíritos da floresta e como esses espíritos vão os ajudar avisando o que está por vir. Essa forma de pensar, apesar de diferente, é fascinante, pois eles procuram uma conexão com a floresta sem prejudicá-la e concluem que somos apenas mais um de um todo, por isso essa necessidade de afastar aqueles que querem prejudicar a floresta. Assim como é dito no trecho, que esses espíritos têm amizade com a floresta tendo os garimpeiros, fazendeiros e madeireiros como seus principais inimigos, isso é também uma forma que o Davi Kopenawa encontrou para denunciá-los, por terem causado tantos problemas para a floresta direta ou indiretamente. Portanto, os saberes indígenas, nos fazem parar e refletir, se o que estamos fazendo é realmente o certo, e quais consequências esse tipo de pensamento pode trazer de forma pessoal ou coletiva.

É válido destacar que há vários povos nativos no Brasil e, portanto, várias formas de interpretar o mundo, sendo assim é necessário desenvolver formas de comunicar estes outros saberes.

Entretanto, é preciso considerar que não é da mesma forma como nós nos comunicamos enquanto povo ocidental, pela forma escrita, por exemplo. Estes povos indígenas brasileiros originários usam bastante a oralidade e a própria forma escrita apropriada por eles. Da mesma forma como o Daniel Munduruku (2015) diz na entrevista no Canal Futura, respondendo uma pergunta feita pelo apresentador Cristiano Reckziegel:

Nós somos sabedores de que, entre os Munduruku por exemplo, há uma comunicação que não é uma comunicação escrita, é uma comunicação em que inclusive mental né, é uma comunicação de olhares, é uma comunicação que vai muito além da coisa escrita. Então as pessoas às vezes confundem essa coisa da escrita com a escrita ocidental, enfim, a escrita formal alfabética e esquece de que há outras tantas maneiras de se comunicar e que efetivamente esses povos antigos de todas as partes do mundo sempre tiveram.

Ou seja, para os indígenas Munduruku, sua perspectiva da comunicação já se difere, na qual propõe uma comunicação além da escrita e reforça que há várias maneiras de se comunicar. Dessa forma, certamente há outros povos com uma outra visão da comunicação e assim conclui-se que a nossa concepção é só uma de muitas. Saber disso é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica e decolonial na qual os saberes desses povos são levados em consideração como forma de enriquecer nossa compreensão de mundo.

4 O PAPEL PRESTADO PELA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

A literatura indígena brasileira contemporânea tem prestado um importante serviço da formação crítica da sociedade brasileira. Por ser parte integrante da já mencionada sociedade estes povos originários encontram-se em posição de autoridade e autenticidade de pensamento para expor através de seus escritos críticas construtivas ao modelo capitalista estabelecido e que vem levando a humanidade por caminhos tão diversos. Márcia Mura (2016), por exemplo, reflete sobre a realidade histórica e atual da região amazônica mostrando justamente este caráter de criticidade tão necessário:

Essa Amazônia urbana, que constrói uma cartografia oficial em cima de territórios indígenas e invisibiliza a presença indígena na cidade, que ainda em nossos dias demole os modos de vida amazônicos para em cima construir novos espaços e modos de vida do dito modelo de desenvolvimento, que representa a desestruturação e morte para quem vive ou vivia dentro de seu próprio modo sustentável e apesar de toda política desenvolvimentista e embranquecedora, antigos e novos espaços de cultura local se mantêm como resistência (MURA, 2016, p. 23).

Seu argumento possibilita ao leitor refletir sobre como está sendo vivenciado esse desenvolvimento que promove o ocultamento do outro, a saber os povos indígenas. Através deste importante espaço literário os seus representantes podem expor com profundidade seu modo de

pensar a sociedade, a si mesmos, a natureza, a espiritualidade e tantas outras temáticas que são recorrentes em seus escritos.

Contar e recontar a história é parte constitutiva da dinâmica humana porque é o ser humano mesmo, cada pessoa, uma história viva e que peregrina por este imenso espaço terrestre. Em nosso caso se faz necessário um relato da história do próprio país. Recontar essa história é a possibilidade de detectar as origens do silenciamento epistêmico dos povos indígenas pela narrativa oficial.

A literatura tornou-se mais do que uma arte, mas tornou-se uma importante arma no combate à desinformação sobre os povos originários no que se refere a sua identidade, suas crenças e cultura.

Muito se especula sobre os povos indígenas, mas pouco se sabe realmente sobre quem realmente são, ou se tem muitas vezes ou são especulações ou apenas o que especialistas dizem ou disseram sobre estes povos. No entanto, desde a década de 1990 estes povos originários vêm buscando assumir o protagonismo de suas próprias vozes e consequentemente isso tem um efeito imenso no desenvolvimento da consciência crítica não somente destes povos, mas do próprio restante da sociedade que vem sentindo essa mudança a partir da fala destes mesmos indígenas.

É por isso que, na arte-literatura de minorias de um modo geral e na literatura indígena em particular, a voz-práxis estético-literária é o veículo e a arena para a auto afirmação e a autoexpressão das vítimas por si mesmas e desde si mesmas, sob a forma de um eu-nós lírico-político ativista, militante e engajado, vinculado, carnal e pungente (DANNER; DORRICO, 2020, p. 215-216).

Dentro de uma perspectiva filosófica decolonial da história destes povos originários é importante se questionar a quais interesses podem ser atendidos a partir de uma história contada por outros que não os próprios povos indígenas. Talvez nunca venhamos a saber, mas o fato é que por mais benevolente que tenha sido a atitude de pesquisadores no passado, o fato de especular sobre os povos levou a um silenciar destes mesmos povos, ou seja, já havia alguém para dizer o que eles eram. Assim, a literatura decolonialmente falando presta este serviço de possibilitar aos povos originários o resgate de seu espaço por direito na busca por uma transformação social de corações e mente na sociedade brasileira contemporânea.

Com base na sua tradição comunitária, o indígena pode de modo aberto argumentar publicamente em torno ao sentido metafísico, normativo e político da terra, da natureza, do humano, inclusive apontar para a existência da diversidade paradigmática que constitui e que perpassa nossas interpretações sobre nosso lugar no mundo e frente aos outros e sobre o modo como podemos abordá-los, relacionarmos-nos com eles (DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. 2020, p. 251).

Essa mudança é importante sobretudo no campo educacional para que de fato uma revolução possa acontecer a partir de sua mais influente esfera social que é a educação. Através de uma educação

descolonizadora novas concepções de mundo podem ser trabalhadas ampliando assim os horizontes de percepção da realidade que demanda uma atualização constante devido às novas questões que surgem oriundas das inquietações humanas frente às problemáticas sociais.

Somente através de uma educação que prioriza uma mudança de ótica é que será possível que as novas gerações entendam que estes povos originários não são originários porque são pessoas do passado, mas porque são constituintes da nossa formação enquanto povo brasileiro e que estão profundamente engajados em nossa sociedade.

Essa virada epistêmico-filosófico-histórico-decolonial é fermento na massa de novos espaços de reflexão sobre de que forma e por que a história de nossos povos originários e consequentemente a história de nosso próprio país vem sendo escrita, a quais interesses estão sendo atendidos.

5 A VIRADA EPISTÊMICO-FILOSÓFICO-HISTÓRICO-DECOLONIAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Ao assumir o protagonismo de suas existências os povos originários têm manifestado sua poética única que transcende não somente nossa mera compreensão de que são eles, mas transcende até mesmo o tempo e o espaço. A poética indígena brasileira contemporânea sendo ela em um primeiro lugar tendo sua origem na tradição oral e agora fixada na palavra escrita possui cor, possui vida, sua dialética parte da imanência mesma destes povos. Por isso que refletir sobre a história de nosso país a luz do protagonismo indígena leva a compreensão de que estes povos que foram subalternizados e tutelados ao longo do tempo possuem uma ebulição de saberes que carecem de serem ouvidos.

A filosofia da história dos povos indígenas através da literatura tem recontado e ressignificado suas existência e história para além da história ou histórias oficiais. Pois como se sabe a filosofia da história enquanto tal busca uma reflexão por sobre fatos e interpretações da história humana, e neste caso visamos na perspectiva decolonial indígena brasileira contemporânea.

Esse fato é importante em um contexto em que a história destes povos tem sido contada e recontada não por eles mesmos, mas por terceiros que com sua epistemologia oriunda de uma realidade eurocentrada, agora ousa dizer o que os povos originários quando na verdade seus conceitos por mais estruturados que possam ser não dão conta de abarcar toda a dinâmica existencial em sua totalidade. Assim, faz todo sentido o desenvolvimento de uma perspectiva da filosofia da história que segundo Leopoldo Zea (1978, p. 22) "Filosofía de la historia, que, por ser lo, tratará de trascender los hechos, la realidad , ir más allá de ella, pretendiendo transformarla". Mais adiante insiste que "toda la filosofía de la historia, por supuesto, implica un proyecto. Es decir, algo que trasciende el conocimiento de los hechos históricos, lo que da sentido a este conocimiento" (ZEA, 1978, p. 25). O

filósofo mexicano chama a atenção nesta passagem para a função primeira de uma filosofia da história que a partir da realidade histórica procura transcender esta mesma realidade histórica em um movimento que visa uma transformação. Neste aspecto com relação aos povos originários indígenas brasileiros, sobretudo, dos amazônicos, a disciplina em questão, pode auxiliar na busca por superar uma visão eurocêntrica e provinciana com pretensões de universalidade, que foi ao longo do tempo negando os saberes outros dos povos originários. Se partirmos do pressuposto que para existir filosofia é necessário que haja cultura, como poderá então haver filosofia se essa cultura é subalternizada e negada? Esse é o mal perpetrado pela modernidade com sua negação de saberes outros dos povos originários, ao passo que lhes são negados o reconhecimento de seres pensantes e que são colocados sob a tutela de terceiros automaticamente seu protagonismo é descartado porque se dirá que não a mínima possibilidade de existência, segundo os moldes epistêmico-normativos do ocidente, de uma racionalidade. Exemplo disso, é a fala do filósofo alemão Jürgen Habermas quando afirma categoricamente que:

Para entender o significado dessa pretensão de universalidade, recomenda-se fazer uma comparação com a compreensão de mundo mítica. Em sociedades arcaicas, os mitos cumprem de maneira exemplar a função unificadora própria às imagens do mundo. Ao mesmo tempo, no âmbito das tradições culturais a que temos acesso, eles proporcionam o maior contraste em relação à compreensão de mundo dominante em sociedades modernas. Imagens de mundo míticas estão muito longe de nos possibilitar orientações racionais para a ação, no sentido que as entendemos. No que diz respeito às condições de condução racional da vida no sentido anteriormente apontado constituem até mesmo uma contraposição à compreensão de mundo moderno. (HABERMAS, 2012, p. 94).

Nota-se que na fala do filósofo expõe uma dinâmica reflexiva em que são descartados os conhecimentos ditos míticos da realidade. Ao passo que isso é feito demonstra-se que se estes saberes não são considerados como possibilidade de explicação da realidade simplesmente porque não atendem uma dinâmica de compreensão de mundo segundo o que o império cognitivo considera que seja.

Essa percepção distorcida empobrece o campo do saber porque coloca os saberes dos povos originários em um patamar de inferioridade como se fosse algo primitivo na contemporaneidade como se os povos originários fossem seres de um outro tempo que não faz parte desta realidade. Mas este não é um caso isolado, se observarmos com devida atenção a obra de Enrique Dussel (1993) *1492 O Encobrimento do Outro - A Origem do Mito da Modernidade*, na primeira conferência "Eurocentrismo" vemos o autor citar várias situações que no campo da filosofia este outro da modernidade que são os povos originários são colocados sempre como negatividade colocando assim estes mesmos povos fora da realidade intelectual mundial. Neste sentido, Davi Kopenawa (2015) expõe uma triste realidade da dinâmica de relações entre culturas e que deixou suas marcas profundas:

Apesar de tudo isso, os brancos já nos ameaçaram muitas vezes para nos obrigar a abandonar os xapiri. Nessas ocasiões, só sabiam dizer: “Seus espíritos estão mentindo! São fracos e estão enganando vocês! São de Satanás!”. No começo, quando eu ainda era muito jovem, tinha medo da fala desses forasteiros e, por causa delas, cheguei a duvidar dos xapiri. Por algum tempo, me deixei enganar por essas más palavras e até tentei, com muito esforço, responder às palavras de Teosi. Mas isso acabou mesmo! Faz muito tempo que eu não deixo mais as mentiras dos brancos me confundirem e que não me pergunto mais: “Por que eu não tento virar um deles?”. Tornei-me homem, meus filhos cresceram e tiveram seus próprios filhos. Agora, nunca mais quero ouvir más palavras sobre os xapiri! Omama os criou depois de ter desenhado nossa floresta e, desde então, eles continuaram cuidando de nós. Eles são muito valentes e muito bonitos. Seus cantos fazem nossos pensamentos aumentar em todas as direções e ficar firmes. E por isso vamos continuar fazendo dançar suas imagens e defendendo suas casas, enquanto estivermos vivos. Somos habitantes da floresta. É esse o nosso modo de ser e são estas as palavras que quero fazer os brancos entenderem (KOPENAWA, 2015, p. 511).

Davi Kopenawa, faz um movimento de reflexão sobre suas vivências existenciais e como elas foram marcantes e que se não tivesse sido ousado o suficiente poderia ter sucumbido diante de uma cultura que visava se sobrepor a tudo aquilo que conferia sentido à sua própria existência.

Esse movimento filosófico reflexivo por sobre a história operado por Davi Kopenawa lhe permite compreender e afirmar com convicção os valores ancestrais de seu povo Yanomami.

Esse relato de Davi Kopenawa é importante pelo seu evidente caráter de testemunho pessoal, mas também porque demonstra um enfrentamento a uma epistemologia que visa se sobrepor a sua. Boaventura de Souza Santos (2019) explora as características desse modelo normativo eurocêntrico dos saberes;

Ao compararmos as epistemologias do Sul e as epistemologias do Norte, é fácil cairmos na tentação da imagem refletida, que muito tem a ver com a estrutura dualista binária da imaginação ocidental. As correntes dominantes das epistemologias do Norte concentraram-se na validade privilegiada da ciência moderna, que se desenvolveu predominantemente no norte global desde o século XVII. Tais correntes baseiam-se em duas premissas fundamentais. A primeira é a de que a ciência apoiada na observação sistemática e na experimentação controlada é uma criação específica da modernidade ocidentalocêntrica, radicalmente distinta de outras “ciências” com origem noutras regiões e noutras culturas do mundo. A segunda premissa é a de que o conhecimento científico, dado o seu rigor e potencial instrumental, é radicalmente diferente de outros saberes, sejam eles laicos, populares, práticos, do senso comum, intuitivos ou religiosos (SANTOS, 2019, p. 22-23).

Através deste panorama estabelecido por Boaventura de Souza Santos vemos a dinâmica interna com sequelas externas do pensamento eurocêntrico. Dinamicidade interna se explica na medida em que existem características próprias do processo. Já no que se refere às sequelas externas estas se traduzem em epistemicídio, ou seja, na morte de outros saberes que não os estabelecidos por este processo hegemônico eurocêntrico.

A filosofia da história nesta perspectiva é indispensável para justamente questionar sobre qual é a história que vem sendo contada e recontada ao longo do tempo e na sucessão das gerações.

A História está muitas vezes regada de adjetivações de proezas, mas que pode ocultar uma dinâmica traumática sobretudo para as minorias excluídas e marginalizadas e verdadeiras periferias existenciais. Se espera, de fato, uma transformação é preciso que minimamente se cogitem outras possibilidades de conhecimentos. Afinal de contas, não dá para esperar resultados diferentes fazendo sempre mais do mesmo.

6 FILOSOFIA DA HISTÓRIA E DESCOLONIALIDADE DOS SABERES DOS POVOS ORIGINÁRIOS: UMA POÉTICA ENCARNADA

A filosofia da história neste ponto torna-se importante pelo seu caráter reflexivo levando a um novo patamar de pensamento por sobre a temática histórica. Diante da questão dos povos originários se faz necessário um reconhecimento no que se refere à reflexão filosófica, uma espécie de meditação que esses povos vêm empreendendo na busca por solucionar seus próprios problemas. Neste sentido, a filosofia seria o resultado de sua necessidade de solucionar questões oriundas.

La filosofía no debe ser el resultado de un *poder hacerla*, sino de un *tener necesidad de hacerla*. La filosofía no puede ser considerada como un juego deportivo en el que haya que hacer gala de capacidades, sino como una necesidad de resolver problemas, los problemas urgentes de nuestra vida (ZEA, 1945, p. 22).

A filosofia é indispensável neste contexto de busca por entendimento porque existe a necessidade de se pensar criticamente no que se refere aos aspectos relativos à questão dos povos originários e como eles foram retratados por outros que não eles mesmos. É preciso dar vazão a esta dívida histórica intelectual com os povos originários no sentido do reconhecimento de sua literatura como promotora da verbalização dos saberes que durante muitos séculos foi ocultada ou desacreditada porque simplesmente não atendia a concepção eurocêntrica de saber.

Não podemos em hipótese alguma afastar-nos do entendimento de que a filosofia da história é a filosofia da história humana, dos problemas humanos. Mas esta mesma filosofia está atenta às interpretações da história humana e em nosso caso da história dos povos originários brasileiros, sobretudo, do recorte amazônico. Escutar neste caso a comunicação dos saberes desses povos é indispensável para um desenvolvimento sustentável na realidade amazônica. Para Édouard Glissant (2005 p. 42):

[...] a literatura sempre defendeu [...] uma concepção de mundo. Sob o poema aparentemente mais claro, pulsa em surdina uma visão de mundo. O poeta sempre reivindicou para o seu conhecimento essa relação com a "totalidade-mundo" que autoriza, ela, e apenas ela, as suas mais inocentes inflexões. Mas é apenas nos dias de hoje, graças à totalidade-mundo concreta e geograficamente realizada, que essa visão de mundo, que antes na literatura era "profética", pode manifestar-se ou exercer-se, tomando como objeto verdadeiramente aquilo que antes era apenas a sua pretensão. [...] Praticar uma poética da totalidade-mundo, é unir de maneira remissível o lugar, de onde uma poética ou uma literatura é emitida, à totalidade-mundo, e

inversamente. Ou seja, a literatura não é produzida em suspensão, não se trata de algo em suspensão no ar. Ela provém de um lugar, há um lugar incontornável de emissão da obra literária. Mas em nossos dias, a obra literária convirá tanto mais ao lugar quanto mais estabelecer uma relação entre esse lugar e a totalidade-mundo.

A obra literária neste contexto é importante porque ela é reflexo vivo dessa realidade na qual, nós enquanto seres humanos, somos seus partícipes. Se existe denúncia dentro da voz-práxis literária é porque justamente existem situações insustentáveis que carecem de atenção.

Se existem elementos como transmissão de valores também serve como fonte para que esses mesmos valores sejam propagados. Por exemplo, sobre os povos indígenas e seu cuidado, respeito com o meio ambiente e sua cosmovisão que aponta para valores que transcendem as meras especulações humanas abrem portas para o entendimento de que cada vez mais o ser humano demanda um religar-se com a natureza. De fato, se faz necessária uma humildade epistêmica que visa considerar outros saberes que estão fora de um eixo eurocêntrico. Para os pesquisadores da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), o Professor Dr. Fernando Danner e o também Professor Dr. Leno Francisco Danner:

A partir da descolonização, pluraliza-se os sujeitos epistêmico-políticos, as ontologias e, obviamente, para o que nos interessa aqui, as próprias histórias sobre a modernidade-modernização ocidental, inserindo-se a tríade eurocentrismo-colonialismo-racismo e/ou como fascismo enquanto eixo estruturante da crítica e da reconstrução dessa mesma modernidade-modernização ocidental (DANNER, F.; DANNER, L. F. 2021, p. 183).

Essa pluralização é benéfica na medida em que seus protagonistas que foram no passado marginalizados podem através de suas próprias conceituações estabelecerem paradigmas que fazem mais sentido para eles mesmos, até porque estes mesmos paradigmas partem de suas realidades existenciais mesmas.

A pluralização potencializa o desenvolvimento em prol de uma melhoria substancial da sociedade na perspectiva em questão dos povos originários isso significa que seu modo de ser e estar no mundo contribui de forma significativa para a construção de uma sociedade mais harmoniosa livre de discriminações e fanatismos como os ocorridos no passado.

Mais adiante os pesquisadores da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) já supracitados continuam sua argumentação demonstrando os aspectos relativos ao senso crítico operado pela descolonização dos saberes:

[...] com o descentramento epistêmico-político e a pluralização de sujeitos e de histórias em torno à modernidade-modernização ocidental, a descolonização africana e o pensamento indígena brasileiro viabilizam a constituição de interpretações normativas dessa mesma modernidade-modernização ocidental que são ao mesmo tempo imbricadas e descontínuas à versão eurocêntrica dela: imbricadas porque, como dissemos acima, só existe o negro (genérico) e o índio (genérico) por meio da expansão global da moder-

nidade-modernização europeia em termos de eurocentris-mo-colonialismo-racismo e sob a forma do dualismo antropológico; descontínuas porque, além da crítica à modernidade a partir do lugar de fala negro-indígena, temos a pluralização paradigmática e a proposição de outros mundos possíveis e de outras formas de ser e estar no mundo (DANNER, F.; DANNER, L. F. 2021, p. 190-191).

Considerar a existência de mundos possíveis e suas respectivas cosmologias representativas de significâncias para os povos originários é uma possibilidade ímpar de não somente se aproximar, se assim o quiser, destes saberes, mas também buscar a sabedoria escondida nestes outros saberes.

Em uma cultura marcadamente falaciosa no que se refere à generalização da humanidade dos povos originários indígenas através de termos como “índio” com o objetivo de definir todos os índios. Isso é um problema porque cada povo indígena possui sua percepção peculiar de mundo e de si mesmo. No entanto, essas cicatrizes coloniais permanecem introjetadas no mais íntimo de nossa cultura. Exemplo disso são as múltiplas formas em que o preconceito e os sintomas segregacionistas se manifestam muitas vezes.

É a partir destes elementos que se pode efetuar uma argumentação nova que possibilita novos entendimentos sobre a realidade. Mas para que isso venha a acontecer se faz necessário uma abertura epistêmica para justamente compreender este lugar de fala do outro que assinala para concepções outras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com base nos estudos realizados que a poética literária indígena brasileira contemporânea desempenha um papel fundamental na formação humana de nossa sociedade. Sua prática é libertadora porque permite o exercício reflexivo consciente por sobre a história que vem sendo contada e recontada dos povos originários numa perspectiva decolonizadora. Ou seja, não são mais os conquistadores e seus relatos que passam a valer, mas sim, são agora ouvidas as vozes daqueles povos que ao longo do tempo foram subjugados e seus saberes desconsiderados.

Se seus saberes e até mesmo sua corporeidade foi invisibilizada ao longo do tempo por uma série de fatores, agora acontece uma retomada de consciência na qual estes povos por via da apropriação literária procuram escrever sua própria história. E mais do que isso, lançam mão de conceituações próprias a respeito de si mesmos a partir de suas próprias experiências.

Já não faz sentido que um especialista ocidental ingresse em uma realidade cultural indígena e diga o que aquelas pessoas são a partir de suas manifestações e das interpretações conceituais deste mesmo especialista. O que importa verdadeiramente é o que estas pessoas têm a dizer de si mesmas.

Esse novo perspectivismo ameríndio, por exemplo, leva o ser humano a se questionar sobre seus fundamentos existenciais, culturais, religiosos para que possa estar munido de novas ferramentas epistêmicas no sentido de encontro com outros saberes que ao longo de um processo histórico foram marginalizados e subalternizados.

Estes saberes são fonte de uma riqueza e dinâmica cultural peculiar que devem ser interpretados dentro de seus próprios conceitos e não por conceituações estrangeiras que exercem a força conceitual por sobre a dinâmica originária.

A poética indígena presente nessa literatura contemporânea tem uma manifestação diferenciada das demais poéticas. Seu diferencial reside justamente nessa capacidade reflexiva de pensar a vida, sua existência e os demais seres a partir de sua própria linguagem e vivências cotidianas. Todos os elementos que compõem esse dia-a-dia dos povos indígenas inevitavelmente são retratados dentro de um contexto de palavra fixada na escrita.

É preciso destacar ainda que essa poética apesar de estar voltada e centrada na cultura indígena em si mesma, não quer dizer que ela se fecha em si mesma. Muito pelo contrário, por via de sua voz-práxis literária, seus saberes são disseminados e chegam a outros espaços fomentando novos laços de saberes. Essa poética alimentada pela cultura indígena, fixada na palavra escrita da literatura é ponto culminante para refletir filosoficamente de forma autêntica e com autoridade.

Refletir sobre o papel desempenhado pela literatura indígena brasileira contemporânea como solo fértil onde tem brotado a partilha de saberes ancestrais. Essa mesma literatura auxilia na manutenção e perpetuação destes saberes que originalmente foram transferidos desde tempos imemoriais por via da oralidade.

A transição da palavra falada para a palavra escrita expõe a demarcação de um novo território para os povos originários onde estes podem de seu lugar de fala se posicionar com atualidade e destreza perante a sociedade como integrantes da mesma.

A literatura indígena brasileira contemporânea é uma ferramenta importante para os estudos no campo da filosofia da história, justamente porque é nela que se encontram os sinais dos tempos das culturas originárias que com voz ativa e política questionam e se questionam frente ao império hegemônico cognitivo ocidental e sua pretensa universalização epistêmico-normativa dos saberes.

Neste processo estes povos indígenas podem ser eles mesmos protagonistas de um novo tempo, no qual podem dizer a partir de suas próprias epistemologias suas compreensões ontológicas e éticas, suas cosmovisões sobre o mundo a sua parte.

REFERÊNCIAS

CONEXÃO FUTURA. Literatura Indígena. Youtube, 15 de set de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SNcJFw8eUjw>. Acesso em: 16 jun 2023.

DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. Descentramento, Crítica e Transformação: uma história da modernidade a partir da descolonização africana e do pensamento indígena. *Philosophos - Revista de Filosofia*, Goiânia, vol. 26, nº 1, pg. 147 a 196, 2021. DOI: 10.5216/phi.v26i1.67351. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/67351>. Acesso em: 26 ago. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. A ALTERIDADE NA LITERATURA: Da voz-práxis Da Diferença como Literatura – O caso da Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 14, nº 2, p. 360, 2020. DOI: 10.22456/1982-6524.105664. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/105664>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira. *Alea*, vol. 22, nº 1, pg. 59 a 74, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. *Scripta*, vol. 24, nº 50, pg. 205 a 256, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.

DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. A Literatura Indígena Brasileira, O Movimento Indígena Brasileiro e o Regime Militar: Uma Perspectiva Desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Álvaro Tukano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 252, 2018. DOI: 10.22456/1982-6524.83424. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/83424>. Acesso em: 9 jun. 2023.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. Literatura de Minorias como crítica do presente e politização radical: reflexões sobre a literatura indígena brasileira. *Revista Crioula*, [S.l.], nº 21, pg. 197 a 233, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143341>. Acesso em: 15 nov 2022.

DUSSEL, Henrique. 1492 O Encobrimento do Outro – A Origem do Mito da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

GLISSANT, Édouard. Introdução à uma Poética da Diversidade. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HABERMAS, Jürgen. Teoria do Agir Comunicativo I – Racionalidade da Ação e Racionalização Social. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2012.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KRENAK, Ailton. O Amanhã Não Está À Venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MURA, Márcia. *Tecendo Tradições Indígenas* 05/05/2016 821 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18082016-134231/publico/2016_MarciaNunesMaciel_VCorr.pdf. Acesso 26 jan 2023.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga*. Vol. 1. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. Vol. 2. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. *O Fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

THIÉL, Janice. *Pele Silenciosa, Pele Sonora: A Literatura Indígena em Destaque*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ZEA, Leopoldo. *En Torno a Una Filosofia Americana*. México D.F.: El Colegio de México, 1945.

ZEA, Leopoldo. *Filosofia de La Historia Americana*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1978.